

Pequeno Manual Necessário

Helyon Lavinias Guimarães¹

Resenha de livro: **RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras. 2019, 69p.

Em outubro de 2020 foi lançada a nona reimpressão desse livro que é dividido em 12 capítulos, que não estão numerados e nos quais a autora nos explica o racismo em sua origem e quais as formas de combatê-lo, além de resgatar autores negros, que muitas vezes são preteridos nas bibliografias acadêmicas no que ela chama de epistemicídio, isto é, o apagamento sistemático de conhecimentos e saberes produzidos por grupos oprimidos. Segundo a autora, a gravidade desse fato está exemplificada, ela cita, no livro de Abdias Nascimento, O genocídio negro brasileiro, no qual o autor afirma que genocídio é toda forma de aniquilamento de um povo, seja moral, cultural e epistemológico e claro, devemos dizer, físico, que é uma forma muito empregada no Brasil como constatamos diariamente pelos noticiários.

Este Pequeno Manual da professora Djamila Ribeiro ganhou o Prêmio Jabuti de Ciências Sociais no ano de 2020; prêmio considerado o mais importante do Brasil e que abrange diferentes eixos desde a literatura até ensaios e textos acadêmicos/científicos.

Sendo assim, este livro, que milhares de brasileiros possuem em suas casas nos faz pensar na demanda existente por literatura que ajude todos e todas a compreender a necessidade de consolidar o debate acerca do apagamento e mesmo esquecimento de ampla parcela da população do país, pelo simples fato de descenderem dos africanos que aqui chegaram trazidos como escravizados.

Quando pesquisamos no Google sobre este livro, encontramos um dado interessante: gostaram do livro 93% dos que o leram. De início podemos dizer que é praticamente uma unanimidade. Sim, o livro é de fácil e rápida leitura, mas nem por isso é superficial. A autora nos leva a compreender a dificuldade para a população afrodescendente se reconhecer como protagonista pelo fato de estarmos, como sociedade, imersos na cegueira imposta pelo racismo que a estrutura. Mas ao mesmo

¹ Especialista em História do Século XX. Professor de História do Município de Juiz de Fora. Minas Gerais, Brasil. helyon@uol.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3539-3284>.



tempo pensemos nos 7% que não teriam gostado deste livro. É que na verdade não temos aqui um tema para se gostar ou desgostar pois é um tema simplesmente necessário. Basta um olhar para a sociedade brasileira que é possível ver explicitamente a desigualdade que a sustenta. Mesmo que alguém use lentes cor de rosa nos óculos essa verdade inconveniente para alguns, pula sobre nós no dia a dia e esse pequeno manual nos mostra isso e mais importante: desembaça a visão caso alguma neblina negacionista ainda esteja diante de alguém. Talvez seja isso que leve esses 7% a desgostarem do manual.

Na introdução do livro a autora nos conta como ela, assim como todos os brasileiros e brasileiras aprendem na escola que houve a escravidão e um dia a Princesa Isabel libertou os escravizados e pronto. Como ela mesma cita ainda na página 7 do livro, essa é a versão da história contada pelos vencedores, no dizer de Walter Benjamin.

Esse resumo que tantos estudantes aprendem na escola é justamente o apagamento da história de todo um grupo de pessoas, de milhões de pessoas, que ficam sem referências próprias na história e são levados a desdenhar de suas origens, desprezar sua fé originária e negar seu próprio corpo pois estão intoxicadas por uma cultura que as negligencia e preconiza valores da branquitude. Aliás a autora trabalha esses dois conceitos, branquitude e negritude para que possamos compreender o racismo estrutural.

Ainda na introdução do livro Djamila Ribeiro nos informa que “falar sobre racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estrutural. É fundamental trazer a perspectiva histórica a começar pela relação entre escravidão e racismo, mapeando suas consequências. Deve-se pensar como esse sistema vem beneficiando economicamente, por toda a história a população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve e não tem acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas”. (2019, p.6).

A expressão “racismo estrutural” vem crescendo no debate nas academias e nas escolas e começa a se corporificar na sociedade, seja nos telejornais, seja no debate político nos parlamentos. Sem dúvida, o crescimento dessa discussão é um dos maiores avanços no combate a desigualdade na qual se fundou a sociedade brasileira e que assusta aqueles que pensam que melhorando as condições de vida das populações marginalizadas perderão suas vantagens sociais. Um exemplo desse medo que denota

uma barbárie existencial e social é a crítica violenta contra as cotas nas universidades para alunos negros. A crítica ao Prouni. Ou mesmo a crítica tacanha ao Bolsa Família, que significou um avanço extraordinário na melhoria das condições de vida especialmente de famílias comandadas por mulheres negras nas comunidades espalhadas pelo país, além de representar um avanço na escolaridade de jovens entre membros desse grupo. Nesse ponto devemos lembrar que a partir do Bolsa Família e sua política de contrapartidas a escola pública passou a receber crianças de famílias que raramente mandavam seus filhos para esta instituição. Isso levou os racistas de plantão a fazerem uma crítica enviesada a esse sistema escolar que estaria perdendo a qualidade que possuiu num tempo idílico do passado onde essa escola era para a classe média branca.

Os capítulos que se seguem após a introdução, possuem títulos que surpreendem por começarem com o verbo no imperativo: Enxergue a negritude, Reconheça os privilégios da branquitude, Perceba o racismo internalizado em você, Apoie políticas educacionais afirmativas, Transforme seu ambiente de trabalho, Leia autores negros, Questione a cultura que você consome, Conheça seus desejos e afetos, Combata a violência racial, Sejamos todos antirracistas.

3

Sim, os verbos precisam estar no imperativo pois há uma urgência na tomada dessas atitudes. O tempo está correndo e estamos afundando em mais desigualdade. Em mais violência social. E os primeiros atingidos são os mais vulneráveis de sempre.

A população pobre, a população negra, as mulheres mães chefes de famílias. As crianças pobres e negras. A autora reconhecendo essa urgência nos exorta a que tomemos as atitudes necessárias. Nos exorta a ação.

A crise do coronavírus trouxe a urgência desse debate. Desde o início dessa crise sanitária em março de 2020, a miséria tem se ampliado pelas cidades brasileiras e a falta de uma coordenação nacional para o seu enfrentamento nos faz pensar na falta que faz ao governo federal a compreensão de como a sociedade brasileira se estrutura e onde estão suas vulnerabilidades.

No capítulo: Apoie políticas educacionais afirmativas, o que se discute é como o racismo estrutural influencia no acesso à educação da população jovem brasileira. Pelas condições de trabalho e moradia, são populações mais vulneráveis e a crise do coronavírus tornou isso bastante claro uma vez que foram justamente os alunos das

escolas públicas de periferia e dos interiores que menos ou nenhum acesso tiveram às chamadas aulas on line, justamente pelo fato de não possuírem os dispositivos eletrônicos necessários para acessar essas aulas. Sem computadores e com celulares pós pagos e internet de baixa qualidade o fosso entre classes sociais parece se tornar cada vez mais intransponível. E para termos uma ideia de como a insensibilidade governamental é parte desse racismo estrutural, foi negado pelo governo federal acesso gratuito para internet aos alunos e professores da escola pública².

Para melhor compreensão do conceito “racismo estrutural”, o livro: *Racismo Estrutural*, de Silvio Almeida é uma das indicações da autora. Pois ao final do pequeno manual há uma lista de autores negros que podem ajudar a mitigar o apagamento epistêmico citado acima, pois lê-los e compreender a importância dessa produção intelectual é um passo à frente no combate ao racismo e sua trama de apagamento de todo conhecimento produzido além das franjas da branquitude. Nesse ponto vale um comentário seguindo os passos da professora de história da UFBA, Wlamyra Albuquerque que na revista *Serrote* de março de 2021, mostra no artigo intitulado: *As impossíveis brancas nuvens do racismo*, como ocorre essa ação de apagamento da produção cultural e artística de negros e negras desse país. A professora cita como exemplo a ação direta dentro da própria Fundação Cultural Palmares onde a diretoria atual retira nomes consagrados da cultura brasileira, nomes negros, nega Zumbi e cultua a princesa Isabel, numa tentativa de silenciamento de todas as conquistas do movimento negro desde os anos 70. Um desmonte de uma instituição criada em 1988 justamente para combater o racismo no processo de redemocratização da sociedade brasileira pós ditadura. Desmonte esse que mostra com nitidez como alguns governos no Brasil agem diretamente para a manutenção do status quo da branquitude.

Mas se prestarmos atenção poderemos ver que há também um boom de literatura escrita por autores negros e negras. E Djamilia Ribeiro oferece imprescindíveis indicações de autores e autoras a serem lidos. É cada vez maior o número de livros disponíveis desses autores seja em livrarias físicas ou virtuais. Temos vistos escritores negros se destacando nesse momento, um exemplo é Itamar Vieira Junior com seu livro *Torto Arado* de leitura fundamental. Mas escritores, especialmente escritoras negras estadunidenses tem seus livros reeditados assim como escritoras africanas recebem suas primeiras edições no Brasil, como por exemplo, Buchi Emecheta, escritora nigeriana,

² Veja em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/03/19> .

com seu livro: *As alegrias da maternidade*. E agora mesmo está sendo lançado pela Companhia das Letras a *Enciclopédia Negra*, de Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia Moritz Schwarcz com 416 verbetes biográficos sobre homens e mulheres negros, de ativistas e artistas a profissionais liberais, entre outros, que mostra um país para além do poder da branquitude.

Mas esse pequeno manual traz algo diferente. Chama o leitor para ação, isso fica claro desde o uso dos verbos no imperativo até a demonstração de ações possíveis para ao menos mitigar o estrago feito em nossa sociedade ao longo dos séculos. Não propõe uma revolução, mas propõe um olhar orgulhoso para a produção cultural da negritude. Propõe a construção de um Brasil que tenha orgulho desses filhos esquecidos por anos de subserviência a um projeto cultural que inunda o imaginário da população, desde programas de tv até o cinema e o teatro onde há pouca relevância de negros e negras, em sua trama.

Pequeno manual antirracista é um livro para ser lido e debatido nas escolas. É uma poderosa ferramenta para gerar orgulho e esperança em jovens negros e negras e também naqueles que sendo de qualquer outra cor querem que esse país seja construído sob um novo signo de respeito por todos os seus cidadãos e cidadãs.

5

Para os professores é garantia de bons e produtivos debates em sala de aula. Por isso é necessário divulgá-lo, embora seja sucesso de vendas, pois o caminho desse livro está só no começo. Através dele pode-se expandir para mais pessoas esse debate fundamental e esse desejo de reconstrução da sociedade brasileira em bases mais justas.

Dito isso o livro, mesmo depois de terminada a leitura, permanece gerando pensamentos, questionamentos e posicionamentos na mente do leitor. Ninguém sai ileso após a leitura dessa pequena obra de fundamental importância.